



A DONA DO PEDAÇO
Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

A DONA DO PEDAÇO



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Jacinto Almeida
Gérman Cárceres
Caio Porto
Carlos Newton Júnior



Quem, de fato, manda no mundo?

Este opúsculo é dedicado às Odetes, que,
sem qualquer alarde, mandam naqueles
que pensam mandar no mundo

A DONA DO PEDAÇO

Quando olhava para trás, lembrando das traquinagens que a tornara senhora da noite, líder de um pequeno exército de jovens cortesãs, dona do mais famoso Clube de 'adult entertainment' (como gostava de ver chamado o seu puteiro de luxo) e patronesse de festas jamais esquecidas por quem delas participara (ou ouvira falar), sem qualquer modéstia, Sheila compreendia a razão do prestígio a ela atribuído por poderosos de todos os poderes, fossem eles políticos, empresários, militares ou sacerdotes. Não era para menos, pois, pelas suas mãos ou [pelas mãos] das suas meninas, tinham passado quase todos os homens importantes da cidade, deixando suspiros e levando

recordações eventualmente escondidas ou recalçadas sob camadas e camadas de lembranças impublicáveis. Foram deputados, vereadores, secretários, diretores, ministros, senadores, arcebispos, cardeais, prefeitos, governadores, coronéis, almirantes, brigadeiros, generais, comerciantes, industriais, fazendeiros, a reca toda.

Naquele ramo de atividade, ninguém oferecia serviços melhores do que Sheila. Com Sheila, tudo era da melhor qualidade - bebidas importadas, instalações limpas, perfumadas, bonitas e confortáveis, camas amplas, macias, forradas com lençóis de cetim e confrontadas por largos espelhos, meninas jovens, bem educadas, carinhosas, permissivas, criativas; segurança gentil e discreta, tudo do

bom e do melhor - e, para completar, criando um clima de romance intimista, jamais envolviam pagamento de qualquer espécie, pois, sempre preocupada com a plena satisfação dos clientes, ela [Sheila] estabelecera um sistema através do qual as transferências eram feitas previamente por ocasião dos agendamentos, através de terceiros e sob chancelas misteriosas, cuidando para que, desconectado de qualquer remuneração, o encanto fizesse a sua parte e os encontros ocorressem como se naturais fossem. Sheila era muito rigorosa com as jovens que trabalhavam no seu Club. Aliás, desde os primeiros momentos da entrevista de recrutamento e admissão, depois de certificar quesitos básicos como

aparência, formosura, estilo, etiqueta, boas maneiras, competência, criatividade e tudo o mais, Sheila orientava suas meninas a agirem como se, a cada encontro, fossem atuar pela primeira e última vez, dando o máximo de si para agradar os clientes.

Na história do Club de Sheila não se tinha notícia da existência de algum cliente insatisfeito - desde aqueles desejosos da orgia mais rasgada até aqueles que queriam apenas um ouvido tolerante e paciente no qual pudessem despejar suas angústias. Quem conhecia a casa de Sheila, gostava e queria mais.

A casa de Sheila primava pela discrição e só iniciados ou convidados sabiam da sua existência. De fato, localizada em amplo terreno (quase um

quarteirão), a casa de Sheila era coberta por uma espécie de manto de mistério. Quem passava por aquela rua secundária, protegida das largas avenidas da zona sul do Recife por um matagal desleixado, jamais imaginaria que, por trás dos muros altos, sem qualquer sinal externo de ostentação, nem mesmo placa ou letreiro, funcionava o antro de prazeres mais famoso da região, buscado por alguns dos mais importantes e poderosos homens do Estado, fosse para negociar e celebrar acordos ou, simplesmente, para relaxar. Aliás, na casa de Sheila nenhum cliente era recebido sem agendamento prévio. A hora-marcada era essencial para os preparativos - um ritual que envolvia desde o acolhimento do automóvel no soturno

portão de entrada, onde um valet uniformizado se encarregava de estacioná-lo (e, se fosse o caso, lavá-lo e lustrá-lo), até o recrutamento do pessoal necessário ao atendimento de primeira.

Projetada por arquitetos especializados, a casa de Sheila tinha a marca da boa e discreta acolhida, Com ambientes dispostos em layout que dificultava o vislumbre direto dos presentes, oferecendo-lhes certa proteção e garantia de anonimato, sendo favorável à encontros com diferentes graus de discrição - desde os jardins e os amplos salões até pequenas salas e alcovas permeadas pela penumbra. Assim, com as garantias oferecidas por Sheila, generais, bispos, juízes, delegados, governadores,

empresários, mafiosos podiam circular incógnitos para conversar, firmar acordos ou, simplesmente, se esbaldar.

Mas, até firmar-se como a mais famosa 'mulher da noite' (ou 'maior cafetina', como diriam os menos sofisticados) da região, Sheila ralara muito, criando, de tanto usar, calos onde, nas outras mulheres, a pele costuma ser mais delicada. Extremamente talentosa e resistente, Sheila não cansava de trabalhar e de ampliar a freguesia sempre satisfeita. Nos primeiros tempos, ainda sem poder delegar o atendimento à clientela, Sheila se superava e se desdobrava. O vuc-vuc e o lepe-lepe eram intensos. Aliás, na sua memória, Sheila tinha um lugar especial para aqueles que a conheceram (por fora e

por dentro) ainda quase menina - um tempo no qual, sob a estreita orientação de Madame Josephine, a respeitável organizadora de concursos de beleza, inclusive os famosos 'garota verão' e 'miss bumbum', entrara para o putanèe de luxo.

Era daquele tempo que vinham alguns do seus conhecidos mais poderosos.

O santo arcebispo, por exemplo, Sheila conhecera em tempos nos quais, ainda diácono cheio de dúvidas, ele era um rapazinho quase imberbe e muito tímido, mas, (ela [e ele também] lembravam claramente) quando estimulado corretamente, demonstrava ser pleno de vigor. O general de quatro estrelas, todo poderoso líder supremo do comando militar do Nordeste, era

outro querido conhecido daqueles tempos de afirmação e ascensão profissional. Ela lembrava, que, ainda tenente, recém saído da Academia Militar de Agulhas Negras e exercendo algum cargo subalterno no QG da 7ª Região, o agora general passara a 'comer na sua mão' já no primeiro encontro, quando, com meia hora de exploração, desvendara todos os segredos do seu corpo [do corpo dele], levando-o ao paraíso através de pontos G, que nem ele sabia da existência. O governador também, que, agora, com tanta sisudez, mandava e desmandava no Palácio do Campo das Princesas, nos tempos de filhinho-de-papai curtindo a vida sem as responsabilidades (ou irresponsabilidades) adquiridas mais tarde, suplicava para ser atendido por

ela, desde que, tateando aqui e ali, ela descobrira suas vontades mais íntimas e passara a aplicar-lhe o fio-terra na hora H. Também fora assim com o deputado presidente da Assembleia Legislativa, [fora assim] com o desembargador presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco, [fora assim] com o conselheiro presidente do Tribunal de Contas, [fora assim] com o pai de prefeito da capital, [fora assim] com dois dos três senadores do Estado, [fora assim] com muita gente a quem apalpara, lampera, se esfregara, se dera de frente e de trás, de todas as posições. Agora, sentindo poucos e inesquecíveis tremores por todas as parte do corpo usadas como ferramentas de trabalho - a vulva, o ânus, a boca, os lábios, o entrededos

dos pés, as dobras internas dos joelhos, as axilas, o entre coxas, as pernas, o vão por entre as nádegas, a parte de trás das orelhas (não havia lugar do corpo que ela não tivesse usado para dar prazeres a seus clientes -, Sheila se dava conta de como, até chegar onde chegara, sua carreira fora densa e intensa.

Agora senhora de respeito, tratada por Dona Sheila pela maioria das pessoas, incluindo as meninas e a clientela, Sheila ainda era mulher-fêmea, mas, diga-se de passagem, se guardava para poucos. Na realidade, embora aceitasse sem reclamar as eventuais palmadas do pessoal da velha-guarda a guisa de elogio ao seu famoso capilício (agora menos exuberante), Sheila só se dava com

prazer para uns três ou quatro rapazes, que, diga-se de passagem, sequer eram clientes do Club.

Quando os hormônios se exaltavam e faziam ferver o sangue progressivamente acelerado no corpo aquecido exigindo alguma ação, antes de a loba dentro de si começar a uivar sem controle, Sheila lançava mão da caderneta mágica guardada a sete chaves no cofre escondido por trás de um quadro no escritório (uma fortaleza pouco conhecida até pelos funcionários da Casa) para convocar algum dos seus 'namorados'. Ninguém sabia daquilo que ocorria nas quatro paredes da alcova de Sheila. Sabia-se apenas que, horas mais tarde, completamente exausta e sorridente, depois de dispensar o 'namorado' da vez com um

sorriso agradecido e um mimo qualquer, Sheila voltava ao trabalho de sempre, recepcionando os clientes, fazendo-lhes sala e encaminhando-os às garotas julgadas mais adequadas para os serviços solicitados.

A tal caderneta mágica era um caderninho de capa dura, velho e surrado, onde, com sua letra desenhada, Sheila anotava a história do vuc-vuc que - desde o tempo no qual recebia clientes na kitnet no Edifício Califórnia até agora, no Club - animava a sua vida. Não chegava a ser um diário, muito menos um livro-caixa. Era um simples caderno de apontamentos, que, além de funcionar como agenda, com telefones, endereços e coisas assim, servia para anotações diversas, inclusive nomes dos clientes, datas das

visitas, serviços encomendados, acompanhantes, etc. Sheila sabia da força da informação e tinha plena consciência do terremoto que a divulgação do seu caderninho causaria na cidade e no Estado, quiçá no País, caso fosse divulgado. Ela sabia que, se a existência do caderninho fosse conhecida, ela correria perigo. Por isto mesmo, Sheila era muito discreta (este era um dos segredos do seu sucesso) e, no fundo, considerava o caderninho uma espécie de seguro.

Com caderninho ou sem caderninho, a Terra girava, a história avançava e o Club de Sheila se mantinha firme no objetivo de proporcionar alegria e momentos de prazer e bem-estar para seus clientes.

De fato, apesar de enfrentar a presença de novas concorrentes e cada vez mais sufocada pela expansão imobiliária que envolvia o Club com edifícios residenciais, o negócio de Sheila resistia ao passar do tempo sem perder o charme e o encanto. Clientes iam e vinham. Alguns eram perdidos para os cemitérios, para o cansaço, para as doenças e para outras praças, mas, em compensação, muitos novos [clientes] eram conquistados pelo Club. Com as garotas ocorria coisa semelhante. A renovação era constante. Ao tempo, que algumas [garotas] se mudavam para outros estabelecimentos, se aposentavam, mudavam ou abandonavam a profissão (teve até o caso de uma menina que, de véu e grinalda, em festa inesquecível lá

mesmo, no Club, casou com um cliente e, como num conto de fadas, se mudou com o marido para a Europa), novas meninas eram admitidas no plantel de Sheila, famoso por primar os quesitos qualidade, variedade e juventude, mantendo a certeza de que sempre oferecia alguma carne nova e de primeira para o deleite e desfrute dos bons apreciadores da luxúria desregrada.

Embora, a Casa de Sheila permanecesse a mesma - estando sempre pronta para oferecer um pedaço do céu ou do paraíso para os clientes, os quais, mesmo sem admitir, a procuravam para fugir de um mundo cheio de problemas -, o lado de fora [da Casa] se alterava conforme queria a história, alterando costumes,

instituições e pessoas, num processo contínuo de renovação e mudança, que, por momentos, escapava ao controle de Sheila. De qualquer forma, na realidade, fosse qual fosse o 'novo' mundo, cedo ou tarde, em ritmo acelerado de adaptação, ele [o mundo] voltava a cair na malha e nas armadilhas da vida, voltando ao controle de Sheila. Embora pudesse demorar, a retomada da situação para ajuste e adaptação à dinâmica do Club era inevitável, sendo apenas uma questão de tempo. Aí, atingido o novo equilíbrio, o mundo exterior se harmonizava com aquilo que ocorria no interior da Casa de Sheila. Talvez esta fosse a razão de muitas vezes Sheila se referir ao mundo como 'um grande puteiro'.

Na realidade, não foram poucas as vezes que Sheila constatou descompassos entre o Club e o mundo externo. As desarmonias eram percebidos através de espasmos, cujos sinais prontamente chegavam ao conhecimento da antiga cafetina, a qual, de imediato, entrava em ação para (como ela própria dizia) 'realinhar as órbitas dos planetas'.

Certa vez, sem imaginar a pedreira que encontraria pela frente - ao tempo que (vendo a movimentação pelo circuito interno de vídeo, mas sem saber a enormidade da operação armada contra ela) Sheila orientava a garota designada para atender um cliente -, acompanhado por uma pequena força tarefa recrutada há instantes (para evitar vazamentos), o

jovem procurador de Justiça Camilo Souza batia aldraba na porta do Club de Sheila.

Recém-admitido na Procuradoria, ainda vivendo os primeiros momentos de aprendizado, o jovem Camilo Souza enfrentava seu primeiro caso de algum relevo. Segundo a volumosa pasta - uma maçaroca guardada sob uma pilha de processos bolorentos e cobertos do pó acumulado ao longo dos vários anos em que permaneceu engavetada, movimentada ao ritmo de soluços quelônicos -, o Club de Sheila era um lugar de perdição, alvo de tantas denúncias - desde as mais simples, como violação da lei do silêncio, até as mais pesadas, como funcionar como antro de jogatina, prostituição, tráfico e consumo de drogas -, que era

praticamente um milagre ainda permanecer em funcionamento.

Muito cheio de brios, Camilo Souza ainda tinha muito por aprender. Na sua incipiente carreira não tivera tempo sequer para entender o velho adágio segundo o qual 'como tartaruga não sobe em árvore, ao ver uma delas encarrapitada, não se deve tentar derruba-la, pois quem a colocou lá pode não gostar da atitude e ser forte o suficiente para reagir com violência'. Camilo Souza não sabia disso e, sem pensar no assunto, decidiu movimentar os processos mais antigos. Sem qualquer outra motivação, ao léu, sacou aquele que lhe parece mais volumoso e antigo.

Pegou, justamente, o processo referente ao Club de Sheila.

Sincera e Inocentemente, ao ler as páginas amareladas, o procurador constatou que, sem a necessidade de qualquer diligência adicional, o inquérito já dispunha dos elementos necessários para a interdição do estabelecimento e, talvez, até mesmo, para a prisão dos responsáveis por ele.

Os procedimentos foram rápidos. Sem querer dividir os méritos com outros colegas, Camilo Souza organizou ele mesmo uma força tarefa com reforço policial e tudo mais e, depois de vazar a operação para a imprensa e, ainda, de autorizar o uso das sirenes e giroscópios, seguiu à frente do comboio escandaloso em direção à zona sul, rumo ao Club de Sheila.

Ao chegar ao Club, com o estardalhaço que julgou mais

conveniente à cobertura da mídia, bateu a aldraba como se quisesse derrubar o portal. Iluminado por holofotes e cercado por meganhas e jornalistas, Camilo Souza praticamente esfregou seu próprio despacho no nariz do porteiro e, com voz de quem não está para brincadeiras, ordenou

- Vá chamar a sua patroa.

Não houve necessidade, pois, vendo tudo através do circuito de vídeo desde o seu escritório e sempre confiante na força do caderninho guardado a poucos metros, Sheila apressou-se em correr à porta.

- O que está acontecendo? Quem quer falar comigo? - Sheila chegou em menos de um minuto.

- Sou o procurador Camilo Souza e trago uma intimação para imediato

fechamento deste estabelecimento - disse o procurador, entregando-lhe uma folha de papel.

Sheila não perdeu o rebolado.

- O senhor está pensando que o quê para vir aqui, desta forma e falar assim comigo? Posso dar um telefonema?

Surpreso com a reação da cafetina, que não parecia intimidada com o aparato à sua frente, Camilo Souza não teve como negar o pedido. E Sheila afastou-se um pouco para falar ao telefone.

Não demorou três minutos. Sem demonstrar qualquer ar de triunfo, Sheila estendeu o telefone ao jovem procurador.

- Sim, senhor... Sim, senhor... Sim, senhor - com progressiva humilhação, Camilo Souza sussurrava ao telefone - Está certo, senhor. Não vai se repetir.

E, devolvendo o telefone para Sheila, o procurador ainda se desculpou:

- Foi um mal entendido - e, com alguma rispidez, voltou à sua viatura para retornar à procuradoria.

- Por favor, transmita as minhas lembranças ao seu pai... Sheila se despediu do rapaz.

Pronto! Mais um descompasso entre o Club e o mundo externo tinha sido superado. Aquele episódio tinha 'realinhado as órbitas dos planetas', o processo tinha voltado para a gaveta de onde nunca deveria ter saído e a harmonia estava de volta. Já

preocupada em organizar as bacanais agendas, Sheila respirou fundo na certeza de que o mundo é 'um grande puteiro'.